



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

NA RÉS-DO-CHÃO: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E SOCIAIS DE CRIANÇAS AFRODESCENDENTES EM UM BAIRRO DE MAIORIA NEGRA EM SALVADOR

Flávia de Jesus Damião

Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Universidade Federal da Bahia

flaviad@ufba.br/afroflaviadamiao@gmail.com

1. Introdução

Na contramão, do aumento dos estudos sobre primeira infância e da intensificação das pesquisas sobre a população negra, a partir da década de 1980, a primeira infância afrodescendente, salva raras exceções, parece que não tem sido considerada como relevante temática no interior da academia. Estudos na área da infância (Dahlberg, 2003; Rosemberg, 1999; Faria, Demartini e Prado 2002) bem como, no campo das relações étnicas (Cunha JR, Luiz e Salvador, 1979; Pereira, 1987; Oliveira,E. 1994; Dias, 1997; Gusmão, 1999) vem apontando para a necessidade de se produzir pesquisas que privilegiem crianças negras pequenas. Isso porque, segundo esses estudos, no decorrer da história a criança negra e menor de sete anos tem sido negligenciada pela reflexão.

Neste trabalho buscamos abordar a primeira infância negra numa perspectiva de ampliação no que diz respeito ao espaço social eleito pelas poucas pesquisas até então realizadas com meninas e meninos negros pequenos (Valente, 1995, Godoy, 1996; Dias, 1997, Cavalleiro, 2000; Souza, 2002), qual seja, creches ou pré-escolas. Aqui, vislumbramos o bairro como um local no qual é possível uma aproximação teórica e prática das experiências simbólicas e concretas vividas pela criança afrodescendente.

Este alargamento de foco no que concerne ao espaço social é um posicionamento político de quem, sem desconsiderar a importância da ambiência institucional de creches e escolas de educação infantil, direito constitucional das crianças brasileiras, entende que as políticas públicas municipais de educação e cultura formuladas e implementadas para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

crianças afrodescendentes de 0 a 6 anos na cidade do Salvador deve situa-se também para além dos muros escolares.

2. De dentro: implicações teóricas

Foi *de dentro* do macrocosmo da cultural de matriz africana – reatualizado no Brasil – que cotidianamente se corporifica em pequenos, mas ao mesmo tempo potentes acontecimentos de vida, que a discussão acerca das experiências educativas e sociais da infância afrodescendente se situou. Essa localização, antes de ser apenas uma escolha de ordem acadêmica, está vinculada a implicações políticas e existenciais.

Aqui, colocamos assento na força do continuum ético e estético das complexas tradições culturais de matriz africana reatualizadas em solo brasileiro (LUZ, 200). Neste sentido, foram contempladas as perspectivas da afrodescendência (CUNHA JUNIOR, 2005) e do espaço (SANTOS, 1996) como principais linhas teóricas para subsidiar este trabalho.

Cunha Júnior (2005) ao pensar a questão da população negra brasileira elegeu como categoria de análise o conceito de etnia. Para ele, etnia é um conceito de base histórico-sociológica que possibilita o trânsito entre África e América. Assim, ainda conforme este autor, o conceito de etnia afrodescendente permite o ir e vir entre aqueles continentes. Afrodescendência, segundo as palavras do seu formulador, é uma construção teórica que “[...] nasce com o pleno conhecimento do passado africano, nasce, sobretudo em decorrência deste conhecimento e da necessidade de relacionar o passado africano com a história do Brasil.” (p. 4).

O conceito de espaço foi outro vetor fundamental para este trabalho. Tal conceito foi buscado nos estudos do falecido professor e geógrafo baiano Milton Santos (1996). Na obra aqui contemplada, Milton Santos (1996) defende que uma conceituação ampliada do espaço somente será possível se for realizada em relação à natureza e à sociedade. Para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Santos (1996) para além, de uma coisa ou de um sistema de coisas, o espaço deve ser considerado como um conjunto complexo e intercomunicativo.

Mais do que algo encerrado em si, o espaço é uma realidade relacional na qual coisas e relações estão juntas (SANTOS, 1996). O ponto de partida para o autor propor esta definição, foi considerar na discussão sobre o espaço o homem com ser social por excelência. Tal ação possibilitou destacar que o caráter dinâmico do fenômeno humano se revela também na transformação do espaço habitado, tanto na sua dimensão qualitativa, quanto na quantitativa.

O manancial teórico acima, bem como, os outros autores contemplados serviram como lentes para olhar o fenômeno das experiências educativas e sociais das crianças. A seguir apresento de modo breve o local da pesquisa.

3. O bairro

O Arraial do Retiro que está localizado na região ao norte do centro da cidade de Salvador. Esta área da cidade, é constituído por uma população predominantemente afrodescendente com baixo poder aquisitivo.

De acordo com a publicação *Arraial do Retiro: 25 anos de luta*, do Caderno de Educação Popular do CECUP (1987), em 1987 havia 12 mil habitantes. Hoje, segundo Maria Luiza, antiga presidente da associação de moradores Sobrelar, o bairro conta com 25 mil habitantes.

Há dois caminhos de acesso ao bairro. Pela parte debaixo, de quem vem do Largo do Retiro. E, pela parte superior vindo do bairro do Cabula. Chegando ao bairro pela parte debaixo, o que salta aos olhos é uma paisagem de morro, um grande tabuleiro em declive forte, e um terreno descontínuo: partes expressivas das casas e barracos estão localizadas em encostas. Esta é uma paisagem comum nos bairros da periferia da capital baiana.



Apesar de observar a dinâmica das crianças em todo o bairro, neste trabalho enfatizo contemplo o grupo de crianças que morava na parte inferior do bairro. A parte inferior se encontra às margens da BR-324, no sentido de quem está saindo de Salvador.

4. Múltiplas maneiras de viver a infância em um mesmo espaço

A pesquisa de campo privilegiou o contexto. O estar-sendo. A dinâmica das crianças afrodescendentes no seu espaço-rua, no seu espaço-bairro, no seu espaço-mundo. É o contexto que permite a compreensão das ações das crianças. A seguir apresentarei algumas ações observadas da dinâmica das crianças no bairro.

4.1 Andanças na parte de baixo e à esquerda da ladeira principal do arraial

As “andanças”, modo como chamei minhas caminhadas durante a realização da pesquisa, começaram pela parte de baixo e à esquerda da ladeira principal do arraial na direção da Mata Escura.

Um dia observando a dinâmica da venda de Seu Benício, conheci George. Ele tem 3 anos, mora próximo daquele estabelecimento e transita por aquela parte do bairro com desenvoltura. Num domingo pela manhã ele chegou e passou a brincar de cavalinho num cabo de vassoura. Instante depois chegou sua irmã Jéssica de 6 anos, ele nem me percebeu, ela logo que chegou notou a presença, e mesmo sem me conhecer foi puxando assunto e passamos a conversar.

Enquanto falávamos, um carro de som começou a avançar e anunciar frutas e verduras. A Kombi parou na nossa frente e George se aproximou do rapaz que vendia as frutas. Dentre em pouco ele veio comendo uma banana, até onde eu e sua irmã estávamos. Ela pediu-lhe um pedaço, ao que ele respondeu que se ela fosse pedir ao moço ganharia a sua banana. A atitude de George me impressionou. Ele demonstrou habilidade e independência ao negociar sozinho com um adulto, provavelmente desconhecido, pela fruta que queria.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Alem de George, observei crianças indo a venda de Seu Benício. Observei cerca de quatro ou cinco crianças que deveriam ter até 4 anos, indo comprar guloseimas, produtos para as mães, ou mesmo indo brincar na frente da venda. Em conversa, Seu Benício confirmou que sua venda é mesmo freqüentada por pequenos fregueses que vão tanto sozinhos, quanto acompanhando por outra criança maior ou pela mãe, tia, primo, entre outros.

4.2. Andanças na parte de cima do bairro

As observações na parte superior do bairro se iniciaram em um domingo. Saindo da rua da igreja e pegando a rua principal do bairro fui observando o constante ir e vir, a interação das pessoas. E, agora para onde vou?. Andando me deparei com duas meninas que brincavam de casinha na calçada da rua. Depois de um tempo observando-as, me sentei ao lado delas e começamos a conversar, isso em meio à brincadeira que não parou. Monique e Tiffany eram os nomes das meninas. Monique de 6 anos e Tiffany de 4 anos brincavam com as bonecas, mas também passavam cremes nos próprios cabelos e pelo corpo enquanto falavam, gesticulavam, riam e se desentendiam.

Na porta de casa, ou mesmo longe dela, mas na rua, a vida de parcela das crianças do arraial se corporifica. O espaço público da rua é um local fortemente ocupado. As experiências da infância expandem para além dos limites das casas seja nos momentos de brincadeira como os de Monique e Tiffany, ou nas horas de realizar um serviço para os adultos, geralmente as mães, como comprar produtos e alimentos nas vendas, conforme observado por mim no estabelecimento de Seu Benício.

A pouca distância onde as meninas brincavam outras três garotas, que acho deviam ter entre 9 e 11 anos, carregavam água. Ao trocarmos algumas palavras descobri que duas delas eram primas de Monique. Identifiquei-me, falei do trabalho que estava fazendo e do interesse que Monique participasse e me despedir.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

4.3 Andanças na ladeira paralela à ladeira principal do bairro,

Foi num cair da tarde, dois dias antes do Natal, que andei por uma ladeira que fica paralela à ladeira principal do bairro, a fim de observar a dinâmica da mesma, pois por volta das 20h da noite anterior percebi uma grande quantidade de crianças naquela rua.

Ao chegar à referida ladeira vi uns três meninos brincando de descer a ladeira com garrafa plástica de refrigerante. Pensei que eu tinha que registrar aquela ação. Peguei a máquina fiz umas três fotos, quando tirei a última os meninos perceberam e vieram em minha direção pedindo: “Moça, tira minha foto!” Bati mais algumas, mostrei como elas ficaram.

Encostada no muro de um bar enquanto falava com as crianças, vi que uma mulher descia rápido em minha direção. Imediatamente a reconheci, ela era uma antiga vizinha minha. Assim que ela se aproximou, dei boa tarde, me identifiquei e expliquei o porquê de estar tirando as fotos. Inicialmente desconfiada, depois da minha exposição ela me reconheceu e foi se tranqüilizando. Falou que veio saber quem era a mulher que estava fotografando os filhos e os sobrinhos dela, porque ela tinha medo que as fotos fossem usadas para um futuro seqüestro e/ou rapto das crianças. Ela estava preocupada que seus filhos, sobrinhos, primos, vizinhos possam estar expostos a possíveis situações de violência.

4.4 Andanças na parte baixa do bairro- à direita do conjunto Luis Eduardo Magalhães.

Foi com o objetivo de falar com Gilda – mãe de um menino de 2 anos – que saí de sobrinha na mão em direção à parte baixa do bairro, mais especificamente, ao conjunto de casas Luis Eduardo Magalhães.

Quando passava numa rua, fui atraída pela imagem de uma menina com as mãos no queixo, na varanda do primeiro andar de uma casa. Ela me pareceu entediada, eu queria



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tirar uma foto. Não o fiz. Lembrei da conversa com a minha vizinha na ladeira, dias atrás, mas fiquei nas imediações para ver o movimento. E o movimento que surgiu foi o de um pedalar constante.

Embalados nas rodas de bicicletas, sete ou oito crianças brincavam em seis bicicletas e um velotrol. O fato despertou minha atenção, pois aquele é um brinquedo relativamente caro e estranhei o fato de que naquela área do bairro houvesse tantas bicicletas. Permaneci por um tempo e observei que as crianças que não tinham o objeto usavam o dos amigos, e que duas mães acompanhavam a brincadeira das crianças de longe.

4.5 Andanças na parte baixa do bairro- à esquerda do conjunto Luis Eduardo Magalhães

Segui rumo ao conjunto de casas Luís Eduardo Magalhães, ou as “casinhas” como é chamado por alguns moradores. Perambulei por entre ruas estreitas e becos. Ao retornar para casa, avistei um grupo de crianças que estava na frente da casa de Dona Ester, eram seus netos. As crianças eram irmãos e primos entre si. Decidi acompanhá-los de longe. Eram oito crianças, seis meninas e dois meninos que caminhavam juntos.

Observando o grupo a distância, tive a impressão que naquela ocasião quem liderava o grupo a menina que carregava uma caixa na cabeça . À medida que caminhavam, conversavam entre si, brincavam e brigavam também. Em certo momento, uma das meninas correu em direção a uma mulher chamando de tia e num gesto carinhoso a abraçou. A mulher retribuiu.

O grupo avançou em direção à praça em frente à Escola Municipal Paulo Freire. Lá chegando, sentaram todos em um banco e ficaram entretidos olhando a caixa e o que havia dentro dela. Fiquei curiosa, o que havia naquela caixa?

Passado cerca de uns dez minutos o grupo começou a se espalhar. Enquanto umas três meninas permaneciam no banco com a caixa, as outras cinco crianças iniciaram a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

exploração do espaço. As duas meninas menores começaram a andar se equilibrando no meio-fio – o qual limita a área de terra da área de cimento na praça.

Os dois meninos, juntamente com mais uma das meninas se dirigiram e subiram na mesa e nos bancos de concreto. Pouco tempo depois eles estavam no portão da escola conversando com o vigilante. Este em determinado momento deu um saco de lixo para que o menino maior jogasse fora. O menino foi. Os dois que ficaram subiam e desciam nas grades do portão.

Brincando de enroscar-se, dobrar-se e esticar-se, percebo que duas meninas utilizavam a estrutura de ferro da passagem que liga a praça à rua¹. No princípio havia somente as duas, à medida que elas iam brincando as outras crianças foram se aproximando. De repente eram oito crianças que giravam, se penduravam, ficavam de ponta cabeça, caminhavam se equilibrando, enfim, davam um novo uso ao equipamento colocado simplesmente para marcar os limites dessa passagem e para as pessoas se segurarem ao passar por ela. Uma ação lúdica e inventiva era o que elas faziam com seus corpos no espaço público da praça.

Era por volta de 18h20 quando o grupo se separou. Duas meninas, dentre elas a “menina da caixa” e um menino menor seguiram rumo à igreja e as outras cinco partiram para casa. Acompanhei estas últimas crianças.

Apesar de ter percebido, ao longo da situação na praça, que a interação das crianças entre si era permeada de cuidado e de conflito, foi quando do retorno para casa que elas se fizeram mais intensas. A briga entre os mais velhos repercutia nas crianças menores, eram elas quem apanhava. Quando seguia em direção ao grupo, para intervir, passou uma adolescente que disse: “Hei, não briguem. Se matem!”

A adolescente seguiu com uma risada irônica, e as crianças permaneceram na marcha para casa com menos conflitos. As meninas ouviram que passava a novela das 18h e começaram a gritar o nome da mesma; “Alma gêmea!” e partiram para casa.

¹ Há um pequeno desnível entre a rua e a praça. Ficando esta última um pouco abaixo da rua.



A partir da observação, descrita anteriormente, passei a acompanhar o referido grupo de crianças. A seguir trago dois relatos de observação do grupo. Antes de me aproximar das crianças solicitei a devida autorização a suas mães e avó.

5. Reflexões acerca do mosaico da infância afrodescendente

5.1 Dimensão do corpo

O que foi vivido um universo simbólico é a base sobre a qual se concebem sentidos e se afirma o mistério da existência. É por meio do corpo que tudo isso ocorre. Sem ele, não há possibilidade de corporificação de experiência, sentido e mistério.

Em meio às interconexões realizadas por Eduardo Oliveira (2005) gostaria de deslizar por entre a relação de corpo, experiência e território. O autor propõe o pensamento do corpo como chão, como território no qual a experiência é a fazedora, que constrói e/ou destrói, num *moto-contínuo*², a feitura do próprio corpo. Para ele, “O corpo antecede a experiência como realidade ontológica, mas o corpo não prescinde da experiência. Aqui não há hierarquia. Aqui tem vivência. Talvez... sabedoria.” (OLIVEIRA, 2005, p. 130).

Na cultura de matriz africana, a vivência do corpo e da experiência está intrinsecamente vinculada com o território, com um lugar, unido ao Pré-existente, ao mundo, ao outro, a comunidade (OLIVEIRA, 2005).

A perspectiva de corpo aduzida por Oliveira (2005) contribuir para a percepção do corpo das crianças e suas dinâmicas no bairro.

De acordo com os episódios das ações infantis - apresentado anteriormente, principalmente com o último - o corpo das crianças é um elemento de fundamental importância na consecução de suas experiências nas ruas do bairro. As crianças utilizam o corpo como suporte de brincadeiras, interações e descobertas. A todo o momento elas estão criando movimentos e ações desde seus corpos. Esse processo de criação corporal é fluido.

² Moto-contínuo é o título de uma música de Chico Buarque e Edu Lobo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Um movimento se desdobra do outro, que solicita um terceiro jeito de movimentar-se, e, assim sucessivamente. O corpo das crianças interage com os elementos presentes no bairro, sejam árvores, terra ou água, sejam com postes, ladeiras, bancos, meio-fio, bicicletas. Assim, seus corpos configuram-se como suporte de vida e conhecimento de si e do bairro.

4.2 Dimensão do Tempo e lugar

Tempo, lugar são duas categorias importantes quando realizamos o movimento de olhar para a experiência infantil das crianças do Arraial como algo singular.

Kagame (1975) - no trabalho *A percepção empírica do tempo e concepção da história no pensamento Bantu* - nos conta que certamente os Bantu unificaram o lugar e o tempo com intuito de localizar os *Existentes*. Segundo o autor, para a cultura Bantu o verbo *ser* jamais pode traduzir a idéia de existir. Para os povos Bantu, o termo existir vem sempre acompanhado da idéia de que o existente existe enquanto alguma coisa em algum lugar. Por isso, Kagame (1975) exemplifica que se um europeu, disser para um integrante da cultura bantu o famoso axioma “penso, logo existo”, este último certamente lhe perguntará: “Você é ... O quê? – onde?”

Estas perguntas procuram situar, localizar o existente, pois, o povo Bantu não concebe um Existente fora da unidade lugar e tempo. É em referência a esta unidade, que a idéia do existir e do movimento existente se articulam profundamente na cultura Bantu..

Ao privilegiar o contexto onde moravam as crianças, entendíamos que é no território que as ações e dizeres das crianças encontram sua razão de ser. O tempo que transcorre nesse território, por sua vez, tem conotações próprias; o transcorrer dos dias entre brincadeiras e deveres, as tarefas ordenadas pelos adultos, o desejo de brincar das crianças, as atrações do bairro – lagoa, vendas, porta de casa, ruas, becos, ladeiras, campo de futebol, cavalos, –, configuram-se em demarcações espaço-temporais muito singulares à vida das crianças observadas na pesquisa. Há uma apropriação sistemática do espaço, ao mesmo tempo em que intervém e recriam os espaços do bairro.



4.3 Dimensão da brincadeira

A brincadeira é uma atividade que marca a infância. Cada vez mais estudos e pesquisas tem sido realizado em torno do brincar por se entender que a brincadeira é tem uma importância significativa na vida dos seres humanos. Ao brincar a crianças interage consigo, com o outro com o mundo.

A observação das crianças do Arraial do Retiro mostra que elas recriam situações do seu cotidiano, projetam sua vida subjetiva, expressas dificuldades, exercitam o faz-de-conta, interagem socialmente, desenvolve linguagem e pensamento, adquire repertório de habilidades motoras. Enfim um amplo repertório de competências e conhecimentos são posta em ação pelas crianças do Arraial quando elas brincam.

Um fato bastante observado nas brincadeiras das crianças nas ruas do Arraial é a dimensão da interação social que as crianças estabelecem ao brincarem umas com as outras. Ilka Bichara (2002) citando Moraes e Carvalho (1994) diz que além das inúmeras habilidades – cognitivas, motoras, afetivas - que o brincar favorece , deveríamos nos atentar para o fato de que o brincar também oportuniza a interação social. Bichara (2002) afirma que a biologia do ser humano é de um ser social, e que a aquisição da competência para vida social não pode ser menos importante que outra competência. Ainda neste sentido, a referida autora diz que na atual sociedade humana a competência para vida social parece ser a principal função da brincadeira, principalmente no faz-de-conta.

As situações de brincadeiras compartilhadas neste trabalho aponta que meninas e meninos do Arraial brincam tanto na porta de casa quanto em lugares mais distantes. Suas brincadeiras acontecem em vários espaços do bairro. Quanto ao material utilizado para brincar elas utilizam elementos da natureza, objetos jogados no lixo, sucatas, brinquedos. Outro dado que foi observado é que o brinquedo é de todos. Isso fica bem claro na situação da brincadeira de bicicletas. O importante era brincar de bicicleta e com o outro. Por isso, as crianças compartilhavam aquele brinquedo. As brincadeiras cooperativas - ações nas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

quais as crianças brincam juntas dos mesmos temas foram observadas com frequência alta. Como no caso da brincadeira de casinha das duas meninas na porta da casa de uma delas.

4.4 Dimensão do grupo e da afetividade, configuração familiar

O conceito de família e seu modo de organização vêm ao longo dos tempos sido objeto de disputa conceitual, ideológica e política. No caso brasileiro, a ideologia nacional situou a família patriarcal e hierárquica dos senhores escravagistas no centro da formação da sociedade brasileira como modelo dominante de arranjo familiar. (SANTOS CARVALHO;CAMARGO, 2010) Às famílias negras e indígenas, foram produzidas imagens e discursos de falta dotados de forte carga de valoração negativa em inúmeros aspectos. Dentre estes, estão as representações de que nos arranjos familiares negros e indígenas; afeto, união, cuidado, proteção e vínculo de pertencimento inexistiam, ou, eram dimensões muito frágeis.

Apesar das transformações sociais, econômicas e políticas pelas quais passou a sociedade brasileira desde a época colonial, e dos avanços teóricos dos estudos sobre família, ainda hoje representações negativas e parciais acerca da família negra sobrevivem.

Nas observações empreendidas no Arraial do Retiro, registrei situações de existência de fortes vínculos afetivos com mãe, avós, primos, tios, irmãos; de cuidado e proteção com seus próprias crianças, mas também com as da vizinhança. É o caso, por exemplo, da mãe que me abordou no episódio das fotos dos meninos que brincavam de escorregar na ladeira.

Na verdade, percebe-se nesse bairro, apesar de tal prática está diminuindo, a existência de modos de sociabilidade no qual o cuidar coletivo das crianças ainda vigora e extrapola o espaço doméstico e invadindo o espaço da rua.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

5.Considerações finais

Ao brincarem e viverem experiências educativas, e, sociais nas ruas do Arraial do Retiro, as crianças vivenciam uma profusão de práticas cotidianas. Elas têm que dominar e acionar um complexo repertório de habilidades, aptidões, conceitos e significado nos domínios afetivo, moral, cognitivo, nas interações sociais, etc. Assim, o tempo e o modo de habitar territórios ganham significados singulares nas ações das meninas e meninos afrodescendente no Arraial do Retiro

Deste modo, o lugar não pode ser visto como uma realidade passiva e fixada de uma única vez. Pelo contrário, ele se constitui na dinâmica de conflito, tensão, avanços e recuos, num movimento permanente. Assim, é do lugar, meu próximo, que percebo o mundo.

A eleição do bairro como um espaço social privilegiado de pesquisa com crianças afrodescendentes pequenas não foi tarefa fácil. Antes, se revestiu de desafios sócio-políticos e teórico-investigativos. Estes desafios apresentam-se de modo mais acentuado na medida que questionamos a ordem epistemológica etnocêntrica que tem quase sempre presidido a elaboração, abordagem e o trato das categorias que compõe a nossa proposta investigativa na produção acadêmica brasileira. Esta ordem vem propagando o discurso de uma primeira infância, e criança pequena universal.

A tentativa de fuga a cilada do pensamento científico-positivista, que ainda hoje, sobredetermina parcela expressiva dos trabalhos realizados nas universidades do país, pode ser vislumbrada quando se põe como horizonte analítico à heterogeneidade de modos de viver a primeira infância no Brasil. Quando se busca não a generalização, mais, o trânsito entre o plural e o singular, no qual, além de classe social, as categorias de etnia, a etária e a geográfica entram como marcadores relevantes da investigação.

Nesse sentido, é que compreendemos que a articulação entre tais categorias pode se constituir em linhas que nos auxiliem no processo de aproximação dos sentidos singulares do que seja vivenciar a infância em um bairro periférico de maioria afrodescendente em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Salvador, com vista a produção de dados que possam contribuir na construção de políticas públicas educacionais, culturais e sociais que partindo do conhecimento e demandas reais das meninas e meninos soteropolitanos assegurem uma vida de oportunidade de acesso aos bens sociais.

4. Referencias

BICHARA, Ilka. Crescer como índio as margens do Velho Chico: um desafio para as crianças Xocó IN: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A..M.; KOLLER, .S. (orgs.) **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, Salvador:EDUFBA.(2002).

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

CUNHA JÚNIOR, Henrique; LUIZ, M. C; SALVADOR, M. Nazaré. A criança (negra) e a educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 31, 1979.

_____. Nós afrodescendentes: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da educação dos negros e outras histórias**. Brasília: Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização Diversidade/ Ministério da Educação, 2005.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância**: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed. 2003.

DIAS, Lucimar Rosa. **Diversidade étnico-racial e educação infantil**: três escolas, uma pergunta, muitas respostas. Mato Grosso do Sul: UFMGS, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z. B.; PRADO, P. (Orgs.). **Por uma cultura da infância**: metodologia de pesquisa com crianças. Campinas-SP: Autores Associados, 2002

FERREIRA-SANTOS, J. e.; ALCANTARA, M. A.; BASTOS, A.C. Novas famílias urbanas. IN: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A..M.; KOLLER, .S. (orgs.) **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, Salvador:EDUFBA.(2002).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

GODOY, Eliete Aparecida. **A representação étnica por crianças pré-escolares**: estudo de caso à luz da teoria piagetiana. 1996. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, Campinas-SP, 1996

GUSMÃO, Neusa M. Socialização e recalque: a criança no rural. **Cadernos Cedes**. Campinas: Papirus, n. 32, p. 49-84, 1993

KAGAME, Aléxis. A percepção empírica do tempo e concepção de histórias no pensamento bantu. *In*: RICOUER, Paul *et al.* **As culturas e o tempo**: estudos reunidos pela Unesco. Petrópolis-RJ: Vozes/ São Paulo: Ed. da USP, 1975.

LUZ, Narcimária. **Abebe**: a criação de novos valores na educação. Salvador: Secneb, 2000.

OLIVEIRA, Eliana. **Relações raciais nas creches do município de São Paulo**. 1994. Dissertação (Mestrado) – PUC, São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão Africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: IBECA, 2003.

_____. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

PEREIRA, João Batista Borges. A criança negra: identidade étnica e socialização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, nov. 1987.

ROSEMBERG, Fulvia. Expansão da educação infantil e processo de exclusão. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos chagas, n. 107, jul. 1999.

SALVADOR. Folheto. Informações básicas das regiões administrativas de Salvador da Secretaria de Planejamento, Urbanismos e Meio Ambiente – SEPLAN, s/d.

_____. Arraial do Retiro: 25 anos de luta. **Caderno de Educação Popular**, n. 10. Salvador: CECUP, 1987.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS CARVALHO, Lucimeire; CAMARGO, Climene Laura. Reflexões teóricas: família negra e o cotidiano da violência. *Saúde coletiva*, vol. 37, Num. 7, 2010, pp. 24-29. Editora Bolina. Brasil.

AGIER, Michel. As mães pretas do Ilê Aiyê. Nota sobre o espaço mediano da cultura. *Afro-ásia*, 18. (p. 189-203). 1996. capturado http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n18_p189.pdf.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

VALENTE Ana Lúcia. **Proposta metodológica de combate ao racismo nas escolas.** São Paulo: Cadernos de Pesquisa, nº 93, p.40-50, maio, 1995.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina